

MASTERS DO FUTEBOL

Histórias e memórias de
seis jogadores veteranos.
Em comum, a paixão
por jogar bola.

POR DÉBORA KIST



PUBLICAÇÃO:

**Folha
do
Mate**
PARCERIA COM A COMUNIDADE



SBE
SPORTS



APOIO:



Entrevistas com jogadores que fizeram e fazem história pelos gramados da região.

ÍNDICE

Valdir, o interminável Furacão das Colônias	4
Gersinho, o 'pifador' da Assive	13
A cadência da 'canhotinha' de Sabiá	24
Carlos, o polivalente 'xerifão' da defesa	34
Delmar, o cabeça de área que nunca foi expulso	45
Vovô, o veterano com fôlego de garoto	55

Publicação:



Apoio:





A série Masters do Futebol tem
o apoio das Lojas Bade

**INCENTIVAMOS E
APOIAMOS O ESPORTE!**



**CADA VETERANO NO ESPORTE POSSUI
UMA HISTÓRIA ÚNICA E SINGULAR QUE
MOSTRA SUA PAIXÃO AO JOGAR BOLA**



(51) 3741-7737 - Rua Carlos Wagner, Esq. Barão do Triunfo, 108

**Nas próximas páginas, acompanhe a história de Valdir Scheibler,
o interminável Furacão das Colônias!**



VALDIR, O INTERMINÁVEL FURACÃO DAS COLÔNIAS

“Futebol para mim é tudo. É alegria, amizade e família. Enquanto eu caminhar, vou jogar. Talvez o furacão não passa mais com tanta força, mas ainda faz um ventinho por aí.”

VALDIR, O INTERMINÁVEL FURACÃO DAS COLÔNIAS

Há quase quatro décadas no futebol amador, venâncio-airense já virou lenda nos campos da região e, aos 55 anos, segue disputando e vencendo campeonatos de veteranos

Originalmente publicado na Folha do Mate em 03/03/2024.

O futebol amador de interior, aquele bem 'raiz', sempre tem torcida pen-durada no alambrado ou assistindo do barranco. Tem preliminar com jogo do 'segundinho', às vezes mais pegado que dos Titulares. Tem improviso numa transmissão de rádio, onde os repórteres se ajeitam sobre um caminhão ou dentro de uma casinha de madeira que vira cabine. Esse cenário, tão peculiar e que gera tanta simpatia de quem acompanha, é bastante comum nos campos de Venâncio Aires e por isso, também, guarda situações inusitadas, momentos que vão gerar histórias contadas por anos.

Uma dessas histórias também nasceu num campo de 'colônia' e ainda segue contada pelo personagem principal. Um goleador que, de tantos títulos e que dificilmente parava na marcação adversária, começou a ser chamado de furacão. Essa é a história de Valdir Scheibler, que aos 55 anos continua 'gastando' a bola – um verdadeiro fenômeno no futebol de veteranos.



Valdir Scheibler, 55 anos, disputa campeonatos desde os 16 anos. No gramado do São Luiz, de Vila Santa Emília, foi um dos locais que mais jogou



5 | VALDIR SCHEIBLER

OS TREINOS DE CABECEIO À SOMBRA DE UMA ÁRVORE

No início dos anos 1970, muitas localidades de Venâncio Aires ainda não 'ostentavam' a energia elétrica e ter rádio era luxo. TV, então? Coisa de outro planeta. Assim também o era para os lados do barro vermelho, mas de alguma forma se sabia que o Brasil de Pelé era tricampeão mundial. A década também seria uma das mais vitoriosas do Internacional, três vezes campeão brasileiro.

Foi em meio a essa euforia popular pelo esporte, que as crianças dos Scheibler, em Vila Santa Emília, cresceram. Os quatro guris e as quatro gurias de Edgar e Lorena viviam correndo atrás de uma bola. A exceção era o tempo de estudo na escola São Luiz e quando ajudavam nas lides da casa, porque no resto do dia e até tarde da noite, só o que se ouvia era o som dos chutes contra as tábuas do galpão. Primeiro com uma bola de pano, depois uma de plástico que 'ardia' o pé. De couro mesmo, veio como presente. "Com 10 anos, ganhei uma bola de couro do meu tio Ornélio. Era vermelha, porque ele era colorado como eu. Um dia a bola foi parar dentro da fornalha de fumo e estourou", lembra Valdir, hoje com 55 anos.



Nos recortes e pôsteres de jornais, as lembranças dos inúmeros títulos, por diversos times. Também coleciona dezenas de medalhas e troféus



Foi o mesmo tio, que morava em Campo Bom, que o levou para a região metropolitana com 16 anos, para trabalhar em fábrica de calçado. Sem esquecer o futebol, o destino dos fins de semana eram os campos. Embora fosse de Santa Emília, a família morava na divisa com Linha Cecília, comunidade da qual também sempre foram muito participantes. Por isso, a trajetória de Valdir começou lá, como volante. Só no Cecília, conquistaria o recorde de oito títulos da Taça da Amizade.

Aos 18 anos, prestou serviço militar em São Leopoldo e integrou o Pelotão de Operações Especiais de Campo, jogando na seleção do quartel. “Ali eu encorpei e adquiri muito preparo.” Tal condição também lhe ajudou a aprimorar sua melhor característica em campo: a boa impulsão para o cabeceio. “Eu pendurava a bola num pé de sombra do pai e ia deixando cada vez mais alta. Assim que treinava a impulsão e as cabeceadas”, relata o jogador, que mesmo com ‘apenas’ 1,70 metro, dificilmente perdia um lance de cabeceio entre os marcadores dentro da grande área. Entre os ídolos, curiosamente está um gremista: Jardel, centroavante multicampeão com o Grêmio na década de 1990, foi uma grande inspiração, já que também se destacou como goleador e ficou conhecido pela boa impulsão e cabeçadas certeiras.

MAIS DE 100 TÍTULOS

Na casa dos 20 anos, Valdir começou a trajetória no Esporte Clube São Luiz, de Vila Santa Emília, pelo qual participou de campeonatos municipais e regionais, jogando até hoje, tanto veterano, como pelo livre. Só no time ‘de casa’, foram cerca de 20 títulos, jogando com a 9, de centroavante. “Se for contar tudo, dá mais de 100 títulos por onde passei. Sobre os gols, o pessoal conta por aí que passei dos mil. Nunca calculei, mas que é um monte, isso é.”

No campo, Valdir já jogou por quase 40 times de 15 cidades. Em Venâncio Aires, vestiu as camisas de Cecília, São Luiz, Flor de Maio, Tangerinas, 25 de Julho e Juventude de Vila Arlindo.



A ORIGEM DO APELIDO

1 Entre os jogadores de futebol, muitos já levam na camiseta o apelido. A maior parte remete ao gentílico ou ao diminutivo do nome. Há dezenas de 'gaúchos', 'paulistas' e 'baianos' e tantos outros terminados em 'inho'. Mas tem aqueles que, além do nome oficial, ainda recebem alcunhas da torcida ou da própria imprensa, devido a alguma característica. Carlos Alberto Torres virou 'Capita', Ronaldo virou 'Fenômeno' e, nas gerações mais novas, Cristiano Ronaldo virou o 'Robô'.

2 No caso de Valdir Scheibler, ele também ganhou um apelido especial, que tem tudo a ver com o interior. Quem lembra dessa história é Diogo Fedrizzi, então repórter de campo da Rádio Venâncio Aires AM, no início dos anos 2000. "Era comum eu e o Carlão [Carlos Roberto de Oliveira] nas transmissões 'apelidar' alguns jogadores conforme o estilo de jogo deles, sempre de uma forma positiva, buscando valorizar os atletas e os campeonatos, além de chamar a atenção do ouvinte."

3 Segundo Fedrizzi, num jogo do São Luiz, ele percebeu que alguns torcedores no alambrado começaram a chamar Valdir de 'furacão'. "Além de goleador, tinha muita força e velocidade. Literalmente, o Valdir levava tudo o que vinha pela frente. E na hora eu e o Carlão fizemos uma brincadeira no ar com a expressão 'furacão' e completei com o 'das colônias', porque era comum o pessoal de Venâncio se referir ao interior como colônia."

4 O jornalista conta que Valdir aceitou 'numa boa' e os torcedores também aprovaram. "O apelido ganhou mais visibilidade depois, com o sucesso do Juventude de Vila Arlindo nas competições regionais, principalmente com os títulos do Regional da Aslivata e da Supercopa." No campeonato de 2001, pelo Juventude, aos 33 anos, o jogador marcou 28 gols em 18 jogos. Muitos de cabeça, mas tantos outros com o pé direito, o 'bom', calçando chuteira número 40.

A PROMESSA PARA A MÃE

- Beijar o escudo da camiseta, correr de braços abertos para a torcida e dar um soco no ar são formas corriqueiras de se comemorar um gol. Valdir também já comemorou de muitas formas, como colocar a bola sob a camisa durante a gravidez da esposa. Mas nos últimos anos o gesto que se repete é outro: o indicador da mão direita apontando para o céu.
- A cada gol, a homenagem é para a mãe, Lorena, que faleceu em 2005. Fanática por futebol, ela sempre foi uma das maiores incentivadoras dos filhos. "Quando ela faleceu, prometi que quando ganhasse um Municipal pelo São Luiz levaria a medalha para ela."
- Valdir conseguiu cumprir a promessa em 2009 e, como a conquista foi no campo da Soessa, em Sampaio, caminhou cerca de 10 quilômetros depois do jogo, até Santa Emília, para levar a medalha ao túmulo da mãe.



“O PROFISSIONAL NÃO ERA PARA MIM”

Só pelo São Luiz, Valdir contabiliza mais de 20 títulos. No Boa Vista, de Santa Cruz do Sul, venceu oito vezes, sendo quatro como artilheiro. A quantidade de gols e as taças até o levaram a tentar viver exclusivamente do futebol, mas “o profissional não era para mim”, afirma, ao lembrar dos tempos que treinou no Guarani de Venâncio. “Sinceramente compensava mais ficar no amador. Minha primeira moto [uma Honda XLX 250] comprei com o dinheiro que recebia nos fins de semana.”

Na carteira de trabalho, além dos tempos de roça, Valdir já trabalhou como calçadista, em indústria de tabaco, fábrica de móveis e frigorífico, descarregando muitas cargas de carne por dia, subindo e descendo escada de caminhão. Ao trabalho braçal, ele também credita a boa forma física e mantém os mesmos 70 quilos há mais de 30 anos. Atualmente, é pintor e sai muito cedo, só voltando à noite para casa, no bairro Bela Vista. Ainda assim, segue mantendo a rotina da bola de segunda a sexta, jogando futsal, vôlei e até bocha. Nos fins de semana, é campo. Além do futebol 11, joga há 16 anos no 7 (minicampo) pela AABB de Santa Cruz, sendo bicampeão brasileiro. Já jogou em estados como Bahia, Alagoas, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina. Todo verão, ele também é figura carimbada nas areias do litoral, em torneio de beach soccer.



Dos troféus e quadros na galeria de campeões dentro do ginásio Luizão, em Santa Emília, Valdir ajudou a conquistar a maioria deles, nos últimos 30 anos. Entre eles, o regional Aslivata de Veteranos, em 2023



CONSELHO PARA BOLÍVAR

Valdir Scheibler também destaca que a vida de boleiro lhe oportunizou conhecer grandes nomes do futebol. “Tive o prazer de jogar a favor e contra Serginho Chulapa, Mano Menezes, Mário Sérgio, Ronaldinho Gaúcho, Dunga, Dinho, Washington, Pedro Henrique e Bolívar.”

Sobre Bolívar, aliás, bicampeão da Libertadores com o Inter em 2006 e 2010, o Furacão lembra de um episódio quando o jogador ainda tinha cerca de 17 anos e dividia o gramado com Valdir, no Boa Vista de Santa Cruz. “Ele jogava na frente. Mas um dia cheguei e disse: tu não sabe jogar na ponta, vai lá para trás.” Se foi ou não graças ao conselho de Furacão, fato é que Bolívar ganharia projeção justamente como defensor: foi campeão gaúcho do interior em 2002 jogando como lateral direito no Guarani e, depois, campeão da América pelo Inter como zagueiro.



PENSAMENTO NA BOLA ATÉ DENTRO DO HOSPITAL

- Imparável pelos adversários dentro de campo, também o era fora dele. Nem no hospital eram capazes de segurá-lo. Uma vez precisou internar por sete dias, devido a uma infecção generalizada. Naquele fim de semana, tinha um jogo decisivo, mas o médico não lhe deu alta. Bateu pé e convenceu a esposa Márcia a assinar uma liberação.
- “Quando me levantei, fiquei tonto e caí na cama de novo. Foram mais quatro dias internado. Se tivesse jogado, não sei o que aconteceria.” Se nem uma infecção grave parecia capaz de pará-lo, dedão ‘destroncado’ seria desculpa. “Já joguei com dedos quebrados e tenho problemas no ciático. Mas tomava injeção e ia. Minhas costelas têm nódulos, por causa do choque com os zagueiros. Uma vez levei uma bolada na cabeça e até fiquei desmemoriado por umas horas. Mas não consigo parar.”



O SONHO DE JOGAR COM O FILHO

Como dito no início, a família Scheibler sempre foi apaixonada por uma bola de futebol. O pai, Edgar (que faleceu há poucos meses), foi um ponta direita rápido e jogou por Cecília e São Luiz nas décadas de 1960 e 1970. As meninas também disputaram campeonatos femininos e, entre os rapazes, Vanderlei (Traíra), 47 anos, e Luciano, 51, também são bastante conhecidos em Venâncio. “O pessoal sempre fala dos ‘vermelhos’, somos nós”, comenta Furacão, em referência à cabeleira ruiva, característica dos Scheibler.

Quem também puxou os cabelos cor de fogo foram os filhos de Valdir: Vinícius, 14 anos, e Vicente, 10, ambos colorados e já bons de bola, como o pai. Os meninos também são filhos da professora Márcia Hackenhaar, 48 anos, companheira de Valdir há mais de 30 anos e outra grande incentivadora, sempre presente nos jogos do marido e filhos.

Vinícius, mesmo ainda muito novo, já joga pelo Aspirantes do São Luiz. Para realizar o sonho do pai, de disputar um campeonato com ele, o filho vai precisar fazer duas coisas, de acordo com Valdir. “Eu não jogo ‘segundinho’, então ele vai ter que subir de categoria. E como o Vini também é centroavante, quando jogar comigo, vai para a ponta”, determina, Furacão, entre risos.



Valdir sempre contou com o apoio e a torcida da esposa Márcia e dos filhos Vinícius e Vicente. Os meninos também já seguem os passos do pai e jogam futebol



E A APOSENTADORIA?

Perguntado sobre até quando vai jogar futebol, Valdir despista, mas diz que, pela categoria livre, talvez os dois próximos anos sejam os últimos. “Daí vai ser ‘só’ pelo veterano. Mas parar, só se eu não caminhar mais.”

Quanto ao que representa o futebol, afinal, são quase 40 anos disputando torneios sem parar, Furacão diz que o esporte lhe trouxe ‘o melhor’. “Fico feliz e orgulhoso por todos os momentos de alegria que proporcionei às pessoas, dirigentes, torcedores, família e clubes. Agradeço sempre a grande quantidade de amigos que o futebol me trouxe, as pessoas que confiaram e ainda confiam em mim e nas minhas habilidades, e ao apoio da Márcia e dos meus filhos, familiares e amigos.”





GERSINHO WEBER, O 'PIFADOR' DA ASSIVE

“Aprendi na minha trajetória que o futebol, assim como a vida, depende das nossas atitudes e da busca constante por aprendizagem, para que no final a recompensa chegue numa bela vitória.”

GERSINHO WEBER, O 'PIFADOR' DA ASSIVE

Gerson Weber, 51 anos, coleciona títulos no campo e no salão. Meia clássico, em Venâncio Aires é conhecido pela batida na bola e já foi até comparado a Petkovic!

Originalmente publicado na Folha do Mate em 13/04/2024.

Você, torcedor de estádio, de sofá, do radinho de pilha, de bar ou da fila do supermercado. Quantas vezes, nos últimos anos, ouviu falar que o futebol brasileiro vive uma escassez de meios-campistas clássicos? Os legítimos camisas 10, responsáveis por 'dar as cartas' em campo?

É quase unânime: aquele que vai dar o penúltimo passe, 'pifar' o atacante, consagrar o companheiro no momento mais eufórico de uma partida (o gol), virou raridade. Da mesma forma, o lamento é pela carência de um bom cobrador de faltas, aquele que parece colocar, com as mãos, a bola no ângulo do goleiro. Mas, se os gramados Brasil afora vivem certo saudosismo, em Venâncio Aires, no futebol de veteranos, há uma figura que carrega essas particularidades. Por aqui, ainda é possível ver um meia legítimo e que ficou conhecido pelo jeito especial de bater na bola. Ele é Gerson Luís Weber, o Gersinho, o 'pifador' da Assive.



Gerson Weber é atleta da Associação Independente de Veteranos há cerca de 15 anos



DA ESCOLINHA NO SANTA TECLA AOS JUNIORES DO GUARANI

O jeito de tratar a bola, os gols de falta 'acertando a coruja', as assistências 'açucaradas' para o companheiro ficar cara a cara com o goleiro. Essas são características comuns daqueles jogadores considerados cerebrais e articuladores. Puxando na memória, rapidamente lembramos de Zico, Neto e Messi. No estado, os gremistas logo associam a Douglas, campeão da Copa do Brasil e Libertadores entre 2016 e 2017, e que inclusive ganhou a alcunha de Maestro Pifador. Já os colorados ainda contam com um jogador dessa estirpe no elenco atual – o capitão Alan Patrick.

Em Venâncio Aires, o que dizem nos gramados é que um jogador de 1,69 metro também tem esses quesitos. E de sobra. Falamos de Gerson Luís Weber, ou apenas Gersinho, 51 anos. Filho do meio de Renato (já falecido) e Nilse, Gersinho tem as raízes no interior, na divisa de Venâncio e Santa Cruz do Sul, entre Linha Esperança e Linha Saraiva, e ainda muito pequeno se mudou para a parte baixa da cidade e cresceu na então Vila Mayer. O pai, que pelo 1,80 metro que tinha chegou a ser goleiro no Palmeiras de Arroio Grande, levou o guri para treinar no campo do Santa Tecla, no tempo que tinha até um vestiário subterrâneo. Era o fim dos anos 1970, a década vitoriosa do Internacional e que virou o time de coração de Gersinho. "Onde tinha um campinho em Venâncio a gente estava batendo bola. Para ir até a Santa Tecla a gurizada ia a pé ou de bicicleta. Quem me treinou lá foi o Airton da Rosa", lembra o hoje jogador veterano.

Com oito anos, o pequeno colorado viveu uma emoção inesquecível, ainda viva numa pequena foto em preto e branco. Em dezembro de 1981, Cléo Hickmann, venâncio-airense e jogador do Internacional, esteve na Capital do Chimarrão para um jogo festivo no antigo campo do Operário, em Vila Santa Emília. "Foi uma festa, com carreta e tudo. Aí deram essa alegria para os coloradinhos da época e eu estava lá, batendo bola com um cara que jogou até na Seleção."



Em 1981, com 8 anos, Gersinho participou de um jogo festivo com o jogador venâncio-airense Cléo Hickmann, então atleta do Internacional



GUARANI

Do Santa Tecla, Gersinho foi para a escolinha do Esporte Clube Guarani, onde ficou dos 12 aos 15 anos. Como é comum na adolescência, época de desinteresses ou novos interesses, por algum tempo ele deixou o futebol. Voltaria a jogar bola no quartel, em São Gabriel. “Peguei a seleção lá e podia ter ficado no time da cidade. Mas quis voltar e fui fazer teste nos juniores do Guarani.”

Num time que tinha nomes como Eliomar Marcon (hoje presidente do Guarani) e Fernando Becker (jornalista na RBS TV), Gersinho participou da campanha de 1993, quando foram semifinalistas do estadual de juniores. Os jovens eram treinados por ninguém menos que Mano Menezes.



Gerson, agachado à direita, integrou o elenco dos juniores do Guarani em 1993

TREINADOR DE GOLEIROS

- A campanha e as boas atuações do meia renderam a ele a possibilidade de ficar no plantel profissional do Guarani em 1994. Em 1995, chegou a ser emprestado ao São José, de Cachoeira do Sul, mas voltou no mesmo ano.
- “O grupo estava fechado, mas fiquei por lá. Daí o preparador do Oneide [Dalafavera, o goleiro] teve um problema nas costas e precisavam de alguém. O Oneide me convidou e virei o treinador dele. Ali aprendi a bater na bola. Até hoje dizem que, se tiver uma falta perto da área, é meio gol.”

A TRAJETÓRIA NO AMADOR

“É muito difícil chegar num clube profissional e mais difícil ainda é se manter. Tinha muita gente boa”, comentou Gersinho, ao falar da tentativa de viver exclusivamente do futebol. Se o profissional não vingou, o jogador começou, ainda em meados dos anos 1990, a mostrar seu talento nos campos de Venâncio Aires e vestiu diversas camisas do futebol amador: Palanque, São Luiz, Fluminense de Linha Sapé, Flor de Maio, Cecília, Onze Unidos, Ipiranga e Fluminense de Mato Leitão, além do Esporte Clube Cruzeiro e de equipes de Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, Passo do Sobrado, Cruzeiro do Sul, Teutônia, Arroio do Meio e Vale do Sol. Só no Ipiranga, de Linha 17 de Junho, disputou cinco finais consecutivas da Taça da Amizade e venceu três delas.

Gerson também referencia nomes que viu atuar e depois teve oportunidade jogar junto, como Paulinho Lauxen, Eloizinho Schmitz, Betinho Morsch (já falecido), Lúcio Kroth, Carlos Silberschlag, Henrique Etges, Luiz Carlos Weschenfelder (Barriga), Silvio Pritsch e Paulo Rogério dos Santos (Vovô).

O BICHO DO JOGO E O BICHO DE VERDADE

1 Nas andanças pelo futebol na região, Gersinho sempre esteve acompanhado da esposa Lúbia, 43 anos, conhecida como Bia. Numa dessas, quando jogava pelo Xirus, de Vera Cruz, não recebeu o pagamento pelo jogo. Isso porque o ‘bicho’ da partida foi trocado por um bicho de verdade.

2 “O dono do time me contou que tinham nascido vários filhotes de Collie [a mesma raça que ficou famosa com o filme Lassie]. Fui lá e me encantei. Daí disse pra ele que podia me dar um cachorro, em troca do pagamento do Gersinho”, lembra Bia, entre risos.



GOL OLÍMPICO

Outro time pelo qual foi campeão é o Onze Unidos, do bairro União. Isso aconteceu no Municipal de 1998, sendo decisivo. Na ida da semifinal, disputada em casa contra São José, de Arroio Bonito, Gersinho protagonizou um dos lances mais difíceis e bonitos do futebol: um gol olímpico.

O veterano lembra que essa nem era a intenção quando se aproximou do escanteio. Mas uma provocação, em tom de brincadeira, que ouviu de um torcedor, o fez mudar de ideia na hora. "Tinha uns amigos meus em cima de uma caminhonete F1000 vermelha, que eu usava para trabalhar. Daí o Paulo Weschenfelder gritou: 'se tu fizer um gol olímpico, pago uma caixa de cerveja.'

Gersinho chutou direto e a bola entrou na primeira trave. Na final, o meia do Onze Unidos também deixaria sua marca, fazendo um gol de pênalti contra o Fluminense de Mato Leitão.



PELA HISTÓRIA E PELO FUTURO DA ASSOEVA

Além da habilidade no campo, Gersinho também tem uma grande trajetória nas quadras de futsal. Disputou oito campeonatos amadores e venceu seis, se destacando pelos times do Ipiranga e São Luiz. Na equipe de Santa Emília, aliás, conquistou o Municipal de 1998 ao lado de Valdir Scheibler, o Furação das Colônias, primeiro entrevistado da série 'Masters: veteranos do futebol'.

Mas talvez o que muitos não saibam é que Gerson Weber está na origem da Assoeva no futsal. Ele integrou o time da Associação Recreativa Venâncio Aires (Arva), que venceu o regional de futsal em 2000. No ano seguinte, numa conversa do então presidente da Assoeva, Viane Hammes, com Gersinho e Silvio Nervo, surgiu a ideia de fazer um time para jogar o estadual, na Série Bronze. Nascia, ali, a história da Assoeva com o futsal, tendo Gerson no time. Capitão da equipe, ele levantou a primeira taça em 2005 (Copa Unisc) e vestiu a camisa até 2007.



TREINANDO OS JOVENS

Gersinho está no passado da Assoeva, mas também se dedica ao futuro dela. Atuou como técnico dos times sub-15 e sub-17 entre 2011 e 2015, trabalho retomado em 2023, de forma voluntária. “Acho muito importante. É fundamental para a manutenção da Assoeva enquanto clube e formação de novos atletas.”

São cerca de 30 adolescentes sob o olhar do jogador veterano, incluindo os filhos, Eduardo, o Dudu, de 16 anos, e Lucas, 11. Os dois também integram a escolinha do Santa Tecla. Dudu foi goleador do Campeonato Gaúcho de Futsal Sub-15, em 2023, e a equipe ficou em terceiro. Os registros das participações e premiações dos meninos, em recortes de jornal, hoje são guardados pela vó, Nilse, 74 anos. Ela segue o hábito que já tinha com as conquistas do filho Gerson.



Gersinho tem longa trajetória no futsal e participou da retomada do esporte com a Assoeva



Com os filhos Lucas e Eduardo e a esposa Bia, também envolvidos com o esporte

O ÍDOLO ZICO E A COMPARAÇÃO COM PETKOVIC

Como todo atleta amador de fim de semana, naturalmente Gerson Weber teve trabalhos paralelos de segunda a sexta. Ele conta que todas as oportunidades de emprego sempre foram a partir de pessoas ligadas ao futebol, como o caso de Ilário Breunig, que mantinha açougue no bairro Santa Tecla e era dirigente do clube. “Eu comecei fazendo entregas de carne e linguiça num Fusca.” Gersinho também passou pelo balcão da Casa do Agricultor e, em 1997, começou sua trajetória na construção civil. Atualmente, tem a própria construtora e trabalha com a esposa, Bia, que é arquiteta.

Entre as responsabilidades do trabalho e os treinos dos jovens da Associação, há um outro compromisso fixo de Gerson. Todas as tardes de sábado, nos últimos 15 anos, ele ‘bate ponto’ no campo da Associação Independente de Veteranos (Assive), no Parque do Chimarrão. “Esse não dá pra faltar, se não vai para o banco de reservas”, revela, entre risos.

É na Assive que Gersinho segue se destacando como meia clássico e um grande batedor de faltas – fez dois gols assim na última Copa IMX de Veteranos. “Uma assistência vale mais que um gol. Hoje eu consagro os caras”, comenta, em tom de brincadeira. Ainda que se sinta satisfeito como ‘garçom’ dos atacantes, o veterano tem uma boa soma de gols na Assive e, de acordo com a contagem do clube, são cerca de 400.

Considerando os tempos de amador em outros clubes, Gerson acredita que passe dos 500 gols, número que se aproxima do ídolo dele no futebol, Zico, multicampeão com o Flamengo na década de 1980 e que disputou três Copas do Mundo pelo Brasil. Pelo estilo de jogo e batida na bola, Gersinho revela que também já foi comparado a outro camisa 10 famoso no futebol brasileiro: o sérvio Petkovic. “Três pessoas diferentes já me falaram isso. Para mim, é uma honra.”

Na Assive, onde é conhecido como ‘pifador’ do time, curiosamente não veste a 10, mas carrega outro número ‘pesado’, de um grande meio-campista do futebol mundial. “Quando vim para a Assive, o Beckham usava a 23 no Real Madrid. Então fiquei com o número. Está dando certo.”



COLEÇÃO

- Na casa onde mora, no Centro, Gerson Weber mantém guardada toda a história vitoriosa no campo e no salão. São cerca de 100 medalhas e mais os troféus e prêmios individuais.
- Ele considera todos importantes, mas fala com carinho especial do Destaque Esportivo de 2000, no recomeço do futsal em Venâncio, e a medalha de campeão brasileiro de veteranos, em 2016, no minifutebol, pela AABB de Santa Cruz.
- Também em casa está o troféu de 2,1 metros, conquistado com a Arva, no regional de futsal de 2000.



Coleção de medalhas e troféus de prêmios individuais estão guardados em casa





**A série Masters do Futebol tem
o apoio do Frigorífico Kroth**



kroth

A carne do Rio Grande

**Apoiando e celebrando as incríveis histórias
dos jogadores de futebol amador, cuja paixão
e dedicação inspiram a todos.**



Família Kroth Ind. e Com.de Carnes Ltda. | Venâncio Aires/RS | (51) 3793.4100

**Nas próximas páginas, acompanhe a história de Jamir Bruch e a
cadência da 'canhotinha' de um certo Sabiá!**



A CADÊNCIA DA 'CANHOTINHA' DE UM CERTO SABIÁ

“O futebol é muito importante na minha vida. As oportunidades que tive, nos times e no trabalho, foram pelo futebol. Sem falar nas amizades, que são para a vida toda.”

A CADÊNCIA DA 'CANHOTINHA' DE UM CERTO SABIÁ

Jamir Bruch, 53 anos, o Sabiá, é conhecido pela forte batida de perna esquerda e pelo ritmo que dita no meio campo

Originalmente publicado na Folha do Mate em 12/05/2024.

Há quem diga que cadência é sinônimo de lentidão. Pode até ser, mas no futebol o bacana é quando enxergamos nela o mesmo que ritmo e regularidade, especialmente no meio campo, o ponto nevrálgico de criação das jogadas. Alguém que coloque a bola no chão e mantenha a cabeça erguida, distribuindo as jogadas. Dá gosto ver, né?

Pelos campos amadores de Venâncio Aires e região, um jogador com apelido de um passarinho querido dos brasileiros carrega essas características. Claro que é curioso, porque os sabiás de verdade cantam lindamente e são muito rápidos. São diferentes do personagem a seguir, um canhoto que não gosta muito de 'cantar' as jogadas, nem acelerar demais um movimento, mas, pela cadência e habilidade, não deixa de 'voar' em campo. Essa é a história de Jamir Luis Bruch, o Sabiá.



Jamir Bruch, o Sabiá, já jogou por dezenas de times de Venâncio e região



AS TRAVES E AS FRUTAS NO CAMPO DO BOTAFOGO

No fim dos anos 1970 e início dos 1980, nos campinhos entre as então vilas Coronel Brito, Caída do Céu e Cruzeiro, era comum ver um guri magrinho e comprido, que não arredava pé de onde tivesse um pouco de grama e uma bola. Não precisava nem de time inteiro, bastava um ou dois para sair um joguinho e lá estava Jamir Luis Bruch, o Seco, como a piazada amiga chamava na época.

A 'iniciação' no futebol aconteceu ainda no extinto Vasco, da Linha Coronel Brito, onde o pai, Hélio (já falecido) jogava na lateral e zaga, e alimentava a família plantando tabaco. Jamir é o terceiro dos quatro filhos de Hélio e Geni (hoje com 81 anos) e virou colorado, ao contrário do gremista Hélio. A torcida do menino se explicava, afinal, nos anos 70, quem mandava no futebol nacional era o Inter, tricampeão brasileiro.

Em tempos que TV era luxo para qualquer venâncio-airense, o pequeno Jamir aprendeu muito sobre o mundo da bola ouvindo as transmissões esportivas no rádio, vibrando a cada gol narrado pelas vozes de Haroldo de Souza, na Gaúcha, e Armindo Ranzolin, na Guaíba; e lamentou profundamente a forma como o Brasil foi eliminado na Copa de 1982, ainda mais num time que tinha Zico, o 10 batedor de faltas que virou seu maior ídolo no futebol, além de Éder, inesquecível ponta esquerda.

Foi assim, tentando reproduzir a habilidade na bola parada desses dois atletas da Seleção, que a gurizada começou a 'brincar' no então campo do Botafogo (atual Cruzeiro), à margem da RSC-453. Mas ao invés de tentar balançar as redes, a missão era acertar a trave, dando precisão ao chute. E foi em meio a essa brincadeira, que Seco virou Sabiá. "Tinha uns pés de frutas no fundo campo e eu ia comer muita bergamota e laranja. Daí diziam que eu parecia um passarinho, um sabiá, porque ficava lá comendo fruta", relata Jamir, hoje com 53 anos.



ONDE TÁ ESSE GURI?

Sabiá conta que não era lá muito dado aos estudos e o que queria era jogar bola. Nos fins da tarde, não prestava atenção ao movimento do sol e, enquanto houvesse um fiapo de luz, não arredava pé. Muitas vezes, já noite, Geni chegava em casa e não encontrava o filho. “Onde tá esse guri?” Ali decidiu que o jeito era achar uma ocupação para o adolescente. Por isso, com 14 anos, Sabiá começa a trabalhar como calçadista, na antiga Strassburger. Depois passou pela Umbro, onde conheceu Jorge Sbruzzi, que organizava times para participar de campeonatos do Sesi. Ou seja, mesmo com trabalho de carteira assinada, a bola seguia perseguindo Sabiá (e vice-versa).



Sabiá, com cerca de 10 anos, nos tempos de Colégio Aparecida. Na época o apelido dele ainda era Seco



UM 10 QUE SE MACHUCOU COM A 11 E ADOTOU A 16

Nos times que jogou (ele nem lembra de todos porque são dezenas), Sabiá atuou como 'o quarto homem' no meio-campo, cadenciando, como um legítimo 10 faz. Ele chegou a usar o número na camisa, aliás, mas também vestiu a 11, que preferiu abandonar depois de se machucar. "Achava que dava azar, daí vi o número 16 e gostei. Não sei por que, mas gostei e uso a 16 até hoje."

Mesmo com altura de zagueiro e centroavante (1,86 metro), Sabiá deixa a modéstia de lado para dizer que sempre foi bastante habilidoso com a perna esquerda, por isso virou meio-campista. "A perna direita serve só para subir no ônibus", reconhece, entre risos.

Chegou a treinar no juvenil do Guarani, mas não conseguiu continuar porque precisava trabalhar e ajudar em casa. Ainda assim, as oportunidades que o futebol amador lhe proporcionou, também são inesquecíveis e vestiu inúmeras camisas. Entre elas, só para citar algumas, Flor de Maio, Olaria, Floriano, Négo, Onze Unidos, Fluminense de Linha Sapé, Assespe e Juventude de Vila Arlindo (Venâncio Aires); Fluminense de Mato Leitão; Aliança, Boa Vista, Pinheiral, Saraiva, Ponte e Irmãos Coragem (Santa Cruz do Sul); 25 de Julho de Cruzeiro do Sul; Malhadense de Passo do Sobrado; Vila Mellos de Vale Verde; Sinimbu; Clube e Ferraz (Vera Cruz), União de Lajeado, Flor de Maio de Araçá e Juventude de Monte Alverne. Também jogou nos times das empresas Umbro, Rubra e Móveis Hickmann. Entre as equipes, a que mais jogou foi pelo Juventude de Vila Arlindo, sendo levado para lá por Irineu Henn.

Também está na história da Assoeva, na retomada do futsal em Venâncio, no início dos anos 2000, e já jogou muito Bolamar, nas areias do litoral.



Sabiá, no detalhe, quando jogava no Olaria, de Linha Arroio Grande



Jogador veterano guarda fotografias e recortes de jornal, que registram os títulos

SETE FICHAS AO MESMO TEMPO

Com tamanho gosto por futebol, Sabiá chegou a estar inscrito, há cerca de 20 anos, em sete times ao mesmo tempo. “Eu cheguei a ter sete fichas diferentes. O problema é quando tinha jogo no mesmo dia.” Essa situação aconteceu, por exemplo, num Municipal, quando o Juventude de Vila Arlindo se sagrou campeão. “Eu joguei o primeiro jogo da final. No segundo, tinha compromisso pelo Aliança, de Santa Cruz. Mas voltei para comemorar o título”, lembra.

Atualmente, o compromisso do já veterano Sabiá é, ‘apenas’, com a Associação Independente de Veteranos (Assive), com o time da AABB de Santa Cruz e por alguns times de futebol 7 em Venâncio, Vale Verde e Passo do Sobrado.



O PROBLEMA DE SAÚDE QUE TAMBÉM CADENCIOU A VIDA

Mesmo jogando futebol com frequência e, em tese, com a saúde em dia, em 24 de abril de 2021 Sabiá passou por um grande susto. Num jogo em Linha Travessa, começou a sentir uma 'dorzinha' no peito que não passava. "Cansei, saí do jogo, deitei na grama e não passava. Daí o Edson Picoli, o Capela, que chamo de 'Anjinho da Guarda', insistiu que me levaria na UPA. Foi a sorte, fui direto para o hospital. Eu infartei e poderia ter sido tarde. Uma veia obstruiu no coração, tive que fazer um cateterismo e fiquei dois dias na UTI", relata.

Depois de receber alta, Sabiá, que não se esquecia da bola, achou que talvez precisasse deixá-la de lado. "Eu tive muito medo no início, mas o exercício era importante. Comecei devagar e o jeito foi cadenciar o jogo e a vida também. Voltei a jogar, mas além da bola, também tenho um compromisso de visitar o médico mais seguido. A gente aprender a dar valor e viver um dia após o outro."



FAMÍLIA

1 Sabiá brinca que nem a própria mãe o chama pelo nome de batismo. Na rua, se perguntarem por Jamir, ninguém saberá quem é. Mas o Sabiá todos conhecem. Assim, é o Sabiá, também, o companheiro de Nelci Schwendler, 58 anos, e pai da Caroline, de 28 anos.

2 O nascimento da filha única, aliás, também tem relação com o futebol. Ela nasceu em 1º de janeiro de 1996 e, no dia anterior, antes da virada do ano, Sabiá tinha um jogo decisivo em Santa Cruz. Mas deu tudo certo e ele pôde cumprir seu compromisso com o futebol e chegar a tempo de acompanhar o nascimento do seu 'maior troféu'.

3 Sabiá também ressalta a família que o futebol lhe trouxe, fazendo inúmeros amigos. Inclusive, destaca as oportunidades de trabalho que teve ao longo da vida, por causa da bola. "Trabalhei no calçado e com móveis, por intermédio de pessoas que conheci no futebol." Assim também aconteceu com o emprego atual dele, no qual está há 23 anos, como vendedor de uma empresa de purificadores de água.



Sabiá com a companheira Delci e a filha Caroline

TREZE GOLS NUM ÚNICO JOGO E A PROMESSA CUMPRIDA

Sabiá não sabe quantos gols fez nesses mais de 30 anos de futebol, mas diz que a maior parte foi de falta, aproveitando uma de suas principais características. Embora meia, encarregado de 'pifar' o atacante, viveu momentos de artilharia.

Uma dessas histórias foi bastante inusitada, porque bastou um jogo. Numa final de Taça dos Campões, que ele não lembra o ano, o Olaria venceu o Vila Mellos por 19 a 1 e Sabiá marcou incríveis 13 gols. "Precisei de um jogo para ser artilheiro", comenta, em tom de brincadeira.

O jogador também lembra de ter cumprido uma promessa que nem fez, quando jogava pelo São João de Estância Nova, contra o Palmeiras de Arroio Grande. Após o término de uma partida transmitida pelo rádio, o locutor Carlos Roberto de Oliveira, o Carlão, 'soltou' que Sabiá havia prometido um gol de falta. "O próximo jogo foi no campo do Gressler e a gente empatava em 1 a 1. No fim, tivemos uma falta e bati direto. Fiz o gol e aí cumpri a promessa que nem tinha feito. O Carlão me botou no compromisso, então sorte que fiz", relata, entre risos.



Em casa, guarda centenas de medalhas conquistadas ao longo dos anos. Atualmente, ele joga pela Assive

A CANHOTINHA QUE LEMBRA ÉDER

- Se o próprio Sabiá reconhece que a perna direita mal serve para subir no ônibus, por outro lado a canhota tem uma fama grande entre os boleiros. Há quem até já o comparou a Éder Aleixo, ponta-esquerda que se destacou no Grêmio e no Atlético Mineiro, titular do Brasil na Copa de 1982.
- Pela força e precisão, Éder ficou conhecido como 'O Canhão'. Sabiá, que apesar de sempre ter sido mais franzino, também aprimorou um chute forte. Por isso, volta e meia, os conhecidos comentam com ele. "E essa 'canhotinha', aí? Parece o Éder..." Sabiá, também experiente, garante que, mesmo para a força, importante também é ter jeito.

 Voltar ao índice



Terra
PLAY
NOSSO CANAL NO YOUTUBE

Clique no ícone ao lado e veja a
participação de Jamir Bruch
no programa Terra Play



Clique aqui!



**CARLOS, O POLIVALENTE 'XERIFÃO'
DA DEFESA**

“O futebol me ajudou financeiramente e me trouxe grandes experiências. Mas principalmente a capacidade de união que proporciona e o ambiente para fazer amizades, as quais carrego até hoje.”

CARLOS, O POLIVALENTE 'XERIFÃO' DA DEFESA

Conheça a trajetória de Carlos Silberschlag, 59 anos, que nos gramados sempre correu muito como zagueiro, lateral e volante, e hoje segue correndo, mas como maratonista

Originalmente publicado na Folha do Mate em 28/04/2024.

Para as gerações mais novas, talvez seu rosto seja conhecido do balcão da farmácia que administra, na parte baixa da cidade. Ou já o tenham visto correndo pelas ruas de Venâncio Aires, pois faz maratonas (42 quilômetros) com um fôlego de dar inveja para quem tem quase 60 anos e já participou de várias edições da São Silvestre, a corrida de rua mais tradicional de Brasil. Mas talvez quem o vê correndo hoje não imagina que, durante muito tempo, ele correu pelos gramados de Venâncio e do Rio Grande afora. Corria atrás de atacantes, de todos os lados e posições. Afinal, ele próprio, também variou em campo: jogou na terceira e quarta zaga. Foi lateral direito e, mesmo destro, muitas vezes escalado no flanco esquerdo. Com o número 5 nas costas, era o cabeça área de confiança, na primeira volância, protegendo bem os zagueiros. Foi, de fato, um grande marcador, quase incansável na perseguição dos adversários. Fazer gol era coisa rara, mas tem um que marcou história, nos primeiros anos do Guarani no Gauchão. A Folha do Mate conta a seguir a trajetória de Carlos Silberschlag, 59 anos, que, antes de ser maratonista, se destacou pela liderança e pela polivalência no futebol.



Carlos, hoje com 59 anos, era volante do Guarani campeão gaúcho amador em 1988



DAS LINHAS DE CAL AO TÍTULO AMADOR DE 1988

Carlos Silberschlag morava a poucos metros do campo do Fluminense, de Linha Sapé. Se criou nele, ainda mais que o pai, Paulo, foi presidente do clube durante muito tempo. Ainda guri, quando a idade não lhe permitia vestir a camisa tricolor, se fez protagonista de outra forma nos gramados: era ele quem pintava, com todo capricho, as linhas divisórias. Usando um pincel, cal e água, delimitava o campo. Mas Carlos gostava mesmo é de bater bola e aproveitava os intervalos para fazer isso com as outras crianças. Com 14 anos, começou no 'segundinho'. Às vezes eram apenas 10 minutos de oportunidade e, mesmo destro, jogava na ponta e lateral esquerda, dando mostras de uma polivalência que o acompanharia por anos no futebol. Aos 17, já estava entre os Titulares, disputando campeonatos como lateral, de ambos os lados. Na adolescência, quando já morava com os avós na cidade, perto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) – o avô paterno, Armindo, era presidente – , Carlos estudou no Colégio Gaspar, onde fez o Técnico em Contabilidade; foi entregador do jornal Folha do Mate e estafeta da Caixa Federal. Adulto, começou a trabalhar no Expresso Cruzador e foi lá que o futebol novamente lhe bateu à porta, literalmente. “Disputamos um campeonato do Sesi. Fiz um jogo normal, na minha opinião. Mas depois desse jogo recebi um convite”, lembra Carlos, hoje com 59 anos. Dias após esse jogo, Paulo Morsch e João Percy Lenz, então dirigentes do Guarani, foram à casa de Armindo e convidaram o neto dele para integrar o elenco do Guarani. “Na hora falei que não. Eu era um ‘bicho do mato’, sempre fui muito na minha. Mas eles insistiram e acabei indo.” Assim, Carlos passou a integrar o Guarani e entrou para a história ao compor o time campeão gaúcho amador de 1988, jogando com a camisa 5, de primeiro volante. “Foram três empates em 0 a 0 com o Sapiranga. Nos pênaltis, bati e marquei e depois o Mano [Menezes] converteu o do título.”



Carlos com a camisa do Fluminense, de Linha Sapé, onde começou a história no futebol



O VOLANTE VIRA ZAGUEIRO

Em 1989, na chamada 'Segundona' do Campeonato Gaúcho, Carlos, com seu 1,85 metro, vira zagueiro. Naquela temporada, faltou apenas um ponto para o Guarani subir. O acesso vem em 1990, quando Carlos formou dupla de zaga com Bolívar Modualdo Guedes, ou apenas Bolívar (pai do ex-zagueiro colorado, também conhecido pelo mesmo nome). Além de Bolívar, Carlos lembra da parceria com Gilmar Iser na zaga. "Em 1991, ficamos 19 jogos sem perder. Foram dois grandes companheiros de time." Mesmo jogando profissional, Carlos continuava trabalhando no Cruzador. "Um dia, o seu Ottmar Benno Schultz e os filhos me chamaram e disseram que eu poderia continuar trabalhando lá e estaria liberado para treinar. Consegui conciliar por seis temporadas."



Com o time do Guarani, entre 1985 e 1986, quando começou a treinar com a equipe





Eliseu (lateral esquerdo), Gilmar Iser (zagueiro), Beto (goleiro), Carlos (zagueiro) e Jorge Antônio (lateral direito), a defesa do Guarani em 1991

O GOL DE FALTA

1 Embora seu forte fosse a marcação, Carlos conta que, eventualmente, se arriscava em bater faltas. Ou melhor, o fazia quando ninguém queria assumir a cobrança. No campeonato de 1990, contra o time de Três Passos, no Edmundo Feix, o zagueiro marcou um gol até hoje falado na cidade.

2 Era uma falta na intermediária esquerda. Era tão longe, que quando se posicionou

para o chute, estava quase na linha de meio campo. “Bate direto, Carlos, bate direto”, ouviu de Vovô, companheiro de equipe.

3 O chute saiu muito forte e entrou à meia altura, do lado direito do goleiro, na meta que fica para o lado da rua Jacob Becker. “Acho que o goleiro deu uma escorregada e poderia ter chegado na bola”, avalia, modesto. O gol foi decisivo e contribuiu para o Guarani conseguir o acesso naquele ano.

UM TOMBO NO ESCURO E O INTERMEDIADOR DE AUTÓGRAFOS

Os tempos de Guarani rendem lembranças boas para Carlos, muitas delas engraçadas. Em 1991 tinha jogo contra o Inter, pelo Gauchão. Depois do coletivo na sexta, Carlos vai para casa ficar com a esposa Marinita, hoje com 61 anos, e o primogênito, Adriel, então um bebê de poucos meses. Certa hora da noite, o menino começa a chorar e, sem querer acordar a esposa, se levanta no escuro e vai acalmar o filho. Na volta para quarto, Carlos 'erra' a posição da cama e senta na ponta, caindo de costas na lateral, próximo à parede, com as pernas para cima. Um dos pés bate no vidro da janela e ele sofre um corte profundo perto do tendão de Aquiles. Foi para o hospital, tomou ponto e pensou: como iria explicar isso? "Sábado de manhã cheguei no estádio e não pude treinar. Fiquei dias sem jogar e depois ainda precisei de uma chuteira maior. O pior é que ninguém acreditou na minha história", relata. Outra história remete a um jogo contra o Inter, no Edmundo Feix. Terminada a partida, torcedores começaram a gritar por Carlos e Eldor Bohn, para que se aproximassem. "Eu disse pro Eldor pra gente ir lá, talvez quisessem um autógrafo. Daí chegamos perto e realmente eles queriam autógrafo, mas dos jogadores do Inter e a gente era pra entregar o papel e a caneta", lembra, entre risos.



Carlos, Vovô e Eldor, no Guarani, em 1989



Em meados da década de 1990, por duas temporadas, Carlos defendeu o Santa Cruz

COMO MARCAR JARDEL?

- Em 1994, a convite do técnico Celso Freitas, Carlos vai para o Santa Cruz, de Santa Cruz do Sul. Foram duas temporadas lá e, desse tempo, lembra de um dos confrontos mais difíceis, contra aquele que é considerado um dos maiores centroavantes brasileiros na década de 1990: Jardel.
- Em dezembro daquele ano, pelo Gauchão, o Grêmio foi a campo três vezes no mesmo dia. “Era o terceiro jogo do Grêmio e os titulares estavam no banco. A gente ganhava por 3 a 1, dentro do Olímpico. Faltando poucos minutos, entram Paulo Nunes e Jardel. Perdemos por 4 a 3.”
- Para Carlos, o enfrentamento com o centroavante gremista foi um dos mais difíceis da carreira. “Era complicado marcar ele. Com os pés, até podia deixar sozinho. Agora, na bola área, ele era incrível. A cabeçada parecia um chute.”

A VOLTA PARA O AMADOR

1 Em 1995, já com o caçula Douglas nascido, Carlos e a esposa Marinita, que já tinha experiência em farmácia, decidem abrir o próprio estabelecimento. Assim, começa a história da Farmácia do Agricultor, ponto conhecido na parte baixa da cidade. Agora com o foco no próprio negócio, ficaria difícil conciliar o futebol. Por isso, Carlos decidiu parar, pelo menos profissionalmente.

2 Com cerca de 30 anos, então, volta para o futebol amador, novamente jogando em todas as posições da defesa (menos goleiro) e como volante. Entre os veteranos, vestiu as camisas de Flor de Maio, Monterrey, Onze Unidos, Santa Tecla e Saraiva. Também disputou campeonatos de futsal. Em 1999, devido a uma lesão ligamentar no joelho, se tornou treinador do Fluminense de Sapé, seu time de infância e adolescência, e conduziu a equipe ao título da Taça da Amizade daquele ano.

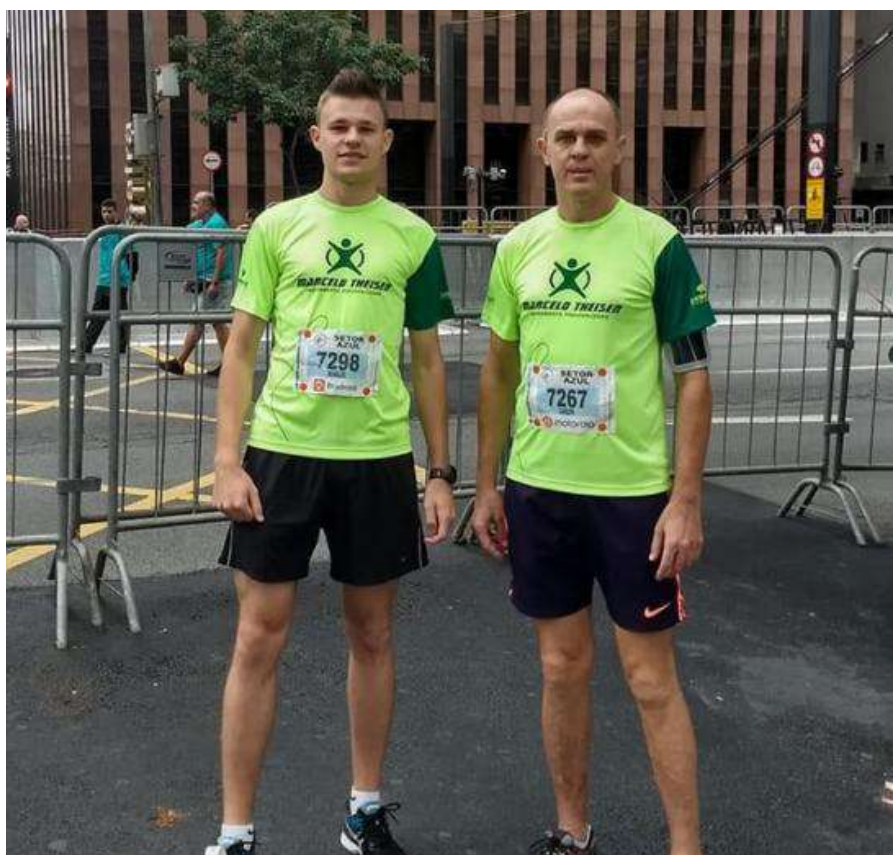


Em 1998, Carlos era o capitão do Onze Unidos, time campeão do Municipal



DA CORRIDA EM CAMPO PARA AS MARATONAS

Conforme os filhos iam crescendo, Carlos seguia com o futebol entre os veteranos. Nos fundos da casa dos avós, na rua Getúlio Vargas, fez um campinho para Adriel e Douglas jogarem, mas nunca impôs o gosto ou a prática do futebol a eles, tanto que Douglas é gremista, enquanto o pai é colorado. Esse campinho, aliás, também foi delimitado com pincel e cal, como Carlos fazia, nos tempos de guri em Linha Sapé. Com cerca de 48 anos, o ex-jogador do Guarani decide ir parando com o futebol, porque descobre um outro esporte: a corrida. E a história dela começa de forma despretensiosa. O compadre, Marcelo Theisen, lhe convida para participar de uma meia maratona (21 quilômetros). “Nunca!”, respondeu Carlos. Mas, certo dia, ele, o filho Douglas e Marcelo saem correndo do Centro de Venâncio em direção à Linha Pinheiral, em Santa Cruz. “Cheguei 10 minutos na frente deles. Aí provoquei: não sou eu que vou correr com vocês. Vocês vão correr comigo.” Desde então, Carlos corre três vezes na semana, às vezes mais de 15 quilômetros por dia, além de frequentar academia. Antes da pandemia, chegou a participar seis anos seguidos da São Silvestre, a corrida de rua mais tradicional do Brasil. Em junho, vai participar de uma maratona em Porto Alegre. “Nunca imaginei que iria correr.” Quanto ao futebol, Carlos diz que hoje o jogo é sem compromisso, mas, sempre que surge um convite aqui ou outro ali, dá um jeito de participar.



Carlos hoje se dedica às maratonas. Com o filho Douglas, durante uma São Silvestre



Carlos e a esposa Marinita com os filhos Adriel e Douglas



 Voltar ao índice



Terra
PLAY
NOSSO CANAL NO YOUTUBE

Clique no ícone ao lado e veja a participação de Carlos Silberschlag no programa Terra Play



Clique aqui!



**A série Masters do Futebol tem
o apoio da SBE Sports**

Apoiamos o futebol com as melhores fardasi

51 99602-2017

Rua Salvador Stein Goulart, 2258

**SBE
SPORTS**

**Nas próximas páginas, acompanhe a história do jogo leal de Delmar,
o cabeça de área que nunca foi expulso!**



**O JOGO LEAL DE DELMAR, O CABEÇA
DE ÁREA QUE NUNCA FOI EXPULSO**

“O futebol me trouxe muitas amizades e me ensinou muito. Aprendi a ganhar e a perder e isso a gente deve levar para a vida.”

O JOGO LEAL DE DELMAR, O CABEÇA DE ÁREA QUE NUNCA FOI EXPULSO

Fundador do Panela 24, Delmar Lopes se caracterizou por fazer poucas faltas na carreira, mesmo jogando como volante, e jamais recebeu cartão vermelho

Originalmente publicado na Folha do Mate em 27/05/2024.

Nos últimos anos, se popularizou o termo fair play (jogo limpo), conceito que está ligado à ética, no qual se deve jogar sem prejudicar o adversário de forma proposital. A Fifa, entidade máxima do futebol, tem promovido campanhas e criou até uma premiação para reconhecer comportamentos exemplares. Se trata de um movimento importante no esporte, mas não é necessariamente uma novidade quando o assunto é jogo leal. Na história em preto e branco do Brasil, quando por aqui ainda era football, se conta que um zagueiro, de tão íntegro que era, certa vez chegou a avisar o árbitro sobre um pênalti que havia cometido e que não foi marcado. O nome dele era Belfort Duarte (1883-1918), que por ser muito disciplinado, virou nome de prêmio no anos 1940. A honraria previa a entrega de uma medalha para o jogador que passasse 10 anos sem ser expulso. Telê Santana e Didi foram alguns dos que conquistaram o prêmio que, se ainda existisse, já poderia ter sido entregue a um venâncio-airense. E pelo menos umas cinco vezes, considerando que o atleta em questão tem mais de 50 anos de futebol. Essa é a história de Delmar João Lopes, 67 anos, que mesmo jogando como volante, na cabeça de área, não é faltoso e nunca recebeu cartão vermelho.



Delmar Lopes, 67 anos, um dos fundadores do Panela 24 de Venâncio Aires



A GURIZADA QUE BUSCAVA AS BOLAS NO EDMUNDO FEIX

Delmar João Lopes tinha cerca de 10 anos e ainda morava na Linha Hansel, no interior de Venâncio Aires, quando ganhou a primeira bola. Foi um presente do tio Janito de Borba, que estava no quartel e seguia de ônibus pela então 'faixa' para Santa Cruz, hoje a Estrada Velha. "Malico, espera na parada que vou te entregar um presente", tinha sido o recado. Malico era o apelido de infância de Delmar entre os familiares e a parada em questão ficava na frente da casa dos avós maternos dele.

Assim, quando o Albatroz reduziu a velocidade, Janito jogou um pacote pela janela. Dentro, uma bola de borracha marrom, "daquelas que ardiam o pé", mas que fez os olhos do guri brilharem.

Com 11 anos, Delmar se muda para a cidade, na então região do Campo da Aviação, onde o pai João abriu um armazém, o Bar do Dico, como chamavam. Numa área da cidade que levava 'campo' no nome, o que mais tinha eram descampados, com espaço de sobra para a gurizada correr e bater bola. Como todo menino que viveu 1970 e a Seleção mágica de Pelé (que ele viu ser tricampeã mundial numa TV em preto e branco no Bar Chaves), Delmar também vibrava com as transmissões esportivas da rádio Guaíba e sonhava que um dia alguém também transmitiria um jogo seu.

Além de bater bola nos campinhos da vila, a gurizada vivia no entorno do estádio Edmundo Feix. Nesses momentos, eram duas missões: prestar atenção aos movimentos dos jogadores (Delmar admirava a habilidade de Romeuzinho na ponta) e buscar a bola atrás das goleiras. "A gente adorava e depois de cada jogo, tentava repetir as jogadas no nosso campinho. A gente treinava sério. Tinha dias que só jogava com a perna esquerda, até pegar jeito. Jogador bom joga com as duas pernas", destaca Delmar, hoje com 67 anos e que trabalha como operário, no funcionalismo público.

Num desses jogos na vila, ele foi convidado pelo 'Tião do Guarani' para treinar com outros meninos. "Era tipo uma escolinha do Guarani, mas cada um levava uma camisa branca para o treino. Não era como hoje. Logo depois, comecei no time da Fumossul, onde fiquei até os 18 anos. Foi na fumageira meu primeiro emprego também."



Com 18 anos, em 1975, quando integrava o time da Fumossul



O FALSO LENTO

Em 1976, serviu o Exército em Santa Cruz e jogou no time da companhia. Se destacou e entrou para a seleção do quartel. Novamente foi um destaque e isso lhe garantiu um convite: integrar os juniores do Avenida, embora nutrisse o desejo de disputar campeonatos pelo Guarani. “Mas não houve oportunidade”, lamenta. Ali, já se destacava como cabeça de área, como é conhecido o primeiro volante, logo à frente dos zagueiros. “Eu sempre fiz poucas faltas e sabia sair jogando. Era um falso lento”, comenta, se referindo à característica dos atletas que parecem não ter pressa no jogo. Mas o ‘falso lento’, aqui, também se encaixa em outra situação. Nos tempos de quartel, Delmar surpreendeu todo mundo no atletismo, quando ficou em segundo lugar numa prova de 400 metros rasos. “Quando queria, eu sabia correr”, lembra, entre risos.



Em 1981, quando jogava pelo Flor de Maio de Linha Araçá. Delmar está agachado, com o filho Rondineli

O GOL DE RONDINELLI E O 'PRÊMIO' A PONTO DE FACA

- Delmar casou em 1979 com Rosane, hoje com 62 anos. Em 1980, quando esperavam o primeiro filho, o casal gostava de frequentar o Cine Imperial, o antigo cinema da rua Júlio de Castilhos. Antes de cada sessão, era comum a reprodução de lances de jogos de futebol, no Canal 100.

- Numa dessas, foi reproduzido um gol do Flamengo, marcado de cabeça pelo zagueiro Rondinelli. Ambos gostaram e o primogênito foi batizado com o mesmo nome do jogador de futebol. Delmar e Rosane também são pais de Samuel, 37 anos. O nome não é nenhuma homenagem a jogador, mas ele estava no ventre da mãe quando a família viveu uma história inusitada.

- Em 1985, quando jogava pelo Flor de Maio de Linha Araçá, Delmar levou um prêmio não muito convencional. Depois de perder de 4 a 0 na partida de ida da final contra o São José de Monte Alverne, o Flor de Maio entrava em campo no jogo de volta, quando um torcedor puxou Delmar pelo braço e prometeu. "Se a gente ganhar, te dou um porco a ponto de faca [pronto para carnear]."

- Quis o destino que Delmar fizesse um gol de falta, na vitória simples de 1 a 0 e que forçou a terceira partida. A família foi buscar o prêmio na Variant azul 1976 que era do pai de Delmar. "O Rondineli era pequeno e aí pegou um leitãozinho nos braços. O homem disse que podia ficar, então ainda levamos um brinde", relata Delmar, entre risos.



Delmar com a família, no casamento do filho Samuel

A 'PANELA' DO AVIAÇÃO E A PANELA DE FERRO

Em 1992, Delmar, já com 35 anos, integrava o time de veteranos do bairro Aviação e um dia ouviu um comentário não muito amistoso sobre o grupo: “Isso é uma panela.” Depois da ‘corneta’ ele entendeu que estava na hora de mudar o nome do time. “Lembrei daquele comentário e pensei, vai ser ‘Panela’ o nome. Mas daí ficou meio vazio e alguém sugeriu Panela 22. Como já tinha o Clube 22 de Veteranos, sugeri o 24, que soou bem. Então ficou Panela 24”, lembra Delmar, um dos fundadores de um dos times de veteranos mais tradicionais de Venâncio Aires.

Foi o próprio jogador, aliás, que concebeu o escudo do time. Dentro de uma panelinha de ferro, colocou uma bola e, sobre ela, confeccionou uma cartola de papelão, para simbolizar a faixa etária já mais experiente dos atletas. A partir desta montagem, fez-se o desenho. O detalhe é que a panelinha de ferro usada de modelo para o escudo, segue na casa de Delmar, enfeitando a mesa do quiosque. O utensílio de cozinha pertenceu à Hilda, a avó materna de Rosane (esposa de Delmar) e tem aproximadamente 100 anos.



O escudo da camisa do Panela 24 foi inspirado nessa panelinha de ferro quase centenária



HISTORINHAS

No mundo do futebol, são comuns as resenhas que viram 'patrimônio'. No Panela, tem algumas, como a vez que o time foi a campo apenas com 10. "Teve um dia que o Mário Hochscheidt era o técnico [quem está lesionado vira técnico] e nós só tínhamos 11. Mas ele tirou um e mandou ficar no banco, dizendo que precisava de um reserva caso alguém se machucasse", entrega Delmar.

O outro 'causo' é de quando o Panela foi a campo com 12 jogadores. "Nós levamos um gol e reclamamos. Daí um cara do outro time falou: 'mas vocês têm 12 e ainda estão reclamando?'" Conforme Delmar, entre os integrantes da turma, a expectativa é para que Milton da Silva, o Foguinho, finalmente termine 'a história da onça'. "Já tentou contar várias vezes, mas o pessoal sempre interrompe, brinca, e ele nunca consegue terminar", revela, em tom de brincadeira.



QUASE 30 TIMES E ZERO EXPULSÕES

1 Em 2009, Delmar ajudou a fundar o Masters do Guarani, com direito a carteirinha na Federação Gaúcha de Futebol e disputou estaduais. Para ele, se na juventude a oportunidade de vestir a camisa rubro-negra não aconteceu, o tempo se encarregou de recontar a história como veterano.

2 Ao todo, Delmar jogou por quase 30 times, de diferentes localidades de Venâncio, Santa Cruz e Mato Leitão. Só de masters ou veteranos, além do Guarani, jogou pelo Forquetense, Velhos Amigos, Velha Guarda e Assive. Atualmente, é o capitão do sênior (acima 55 anos) do Panela 24 e também joga futsal pelo Giba Zé e tem o Veteranos da Segunda.

3 Em toda a carreira, Delmar se orgulha de ter primado pelo jogo leal e fez poucas faltas, mesmo jogando como volante. Ele conta que jamais levou cartão vermelho, portanto nunca foi expulso. Também nunca foi suspenso, já que não ficou de fora de nenhuma partida por três cartões amarelos.

4 Jogando como volante, fez poucos gols na carreira, mas na maioria dos times, era o cobrador oficial de pênaltis. Ele contabiliza cerca de 50 penalidades convertidas e apenas duas perdas.



O GOSTO PELA MEIA ESQUERDA E OS ENSINAMENTOS DE FALCÃO

No Panela 24, Delmar joga com a 10 e na meia esquerda. “Eu adoro jogar na meia, mas sou melhor como cabeça de área.” O número da camisa, aliás, foi por troca, após um sorteio. “O Maurão, que é zagueiro, pegou a 10. Mas daí disse que não era pra ele e trocou comigo, ficando com a 21.”

Embora hoje tenha liberdade de jogar na meia, foi, de fato, com a camisa 5, na volância, que ele se destacou. Delmar, que virou colorado na infância só para contradizer o irmão gremista Vanderli, tem em dois jogadores históricos do Inter suas maiores referências: Caçapava e Falcão.

Entre os mais próximos, Delmar é o ‘Paiero’, apelido da juventude. “A gente fumava escondido uns cigarrinhos de palha. Mas cigarro mesmo nunca fumei e comecei a tomar uma cervejinha depois dos 32 anos. O Falcão sempre disse que cigarro e bebida não combinavam com atletas.”

Além disso, foi vendo o jogador colorado e da Seleção ‘desfilarem’ categoria em campo, que Delmar também procurou ser um volante de bom passe, para iniciar a jogada. “Acho que além da marcação leal, sempre trabalhei a precisão e me cuidei muito. Por isso sigo jogando, com 67 anos, e vou continuar. O futebol é especial demais.”



Em casa, Delmar tem um cantinho especial onde estão expostas fotos de muitos times pelos quais jogou







**VOVÔ, O VETERANO QUE TEM
FÔLEGO DE GAROTO**

“Depois da família, o futebol é tudo para mim. Uma paixão e um orgulho. Além da importância para a saúde, me trouxe amigos, oportunidades e participei de momentos históricos. Emoções que jamais vou esquecer.”

VOVÔ, O VETERANO QUE TEM FÔLEGO DE GAROTO

Conheça a trajetória de Paulo Rogério dos Santos, o Vovô, que fez história no Guarani de Venâncio Aires e até hoje impressiona pela disposição e preparo físico

Originalmente publicado na Folha do Mate em 10/06/2024.

No mês de março, quando Folha do Mate e Terra FM propuseram a série 'Masters, futebol de veteranos', uma das justificativas era celebrar o esporte mais amado pelos brasileiros e destacar o quão longevo ele se tornou para os atletas nos últimos anos. Além de exemplos mundiais, de craques que levantaram títulos já beirando os 40 anos ou passando deles, em Venâncio Aires são inúmeros casos parecidos. Claro que as proporções devem ser guardadas, mas pelos campos daqui, são muitas histórias de veteranos, já cinquentões e sessentões, que continuam sendo referência.

Homens simples, com trabalhos corriqueiros, com esposas, filhos e até netos, levando suas vidas nos bairros da cidade, mas que ainda respiram o futebol. Valdir Scheibler (Furacão das Colônias), Gerson Weber (Gersinho), Carlos Silberschlag, Jamir Bruch (Sabiá) e Delmar Lopes já entraram em campo, ou melhor, nas páginas da Folha nas últimas semanas. E hoje, para fechar a primeira temporada da série, um dos personagens mais conhecidos em Venâncio quando o assunto é bola. Aquele que leva experiência num apelido que é quase nome próprio. Essa é a história de Paulo Rogério dos Santos, 63 anos, o Vovô, um veterano com preparo físico e fôlego de garoto.



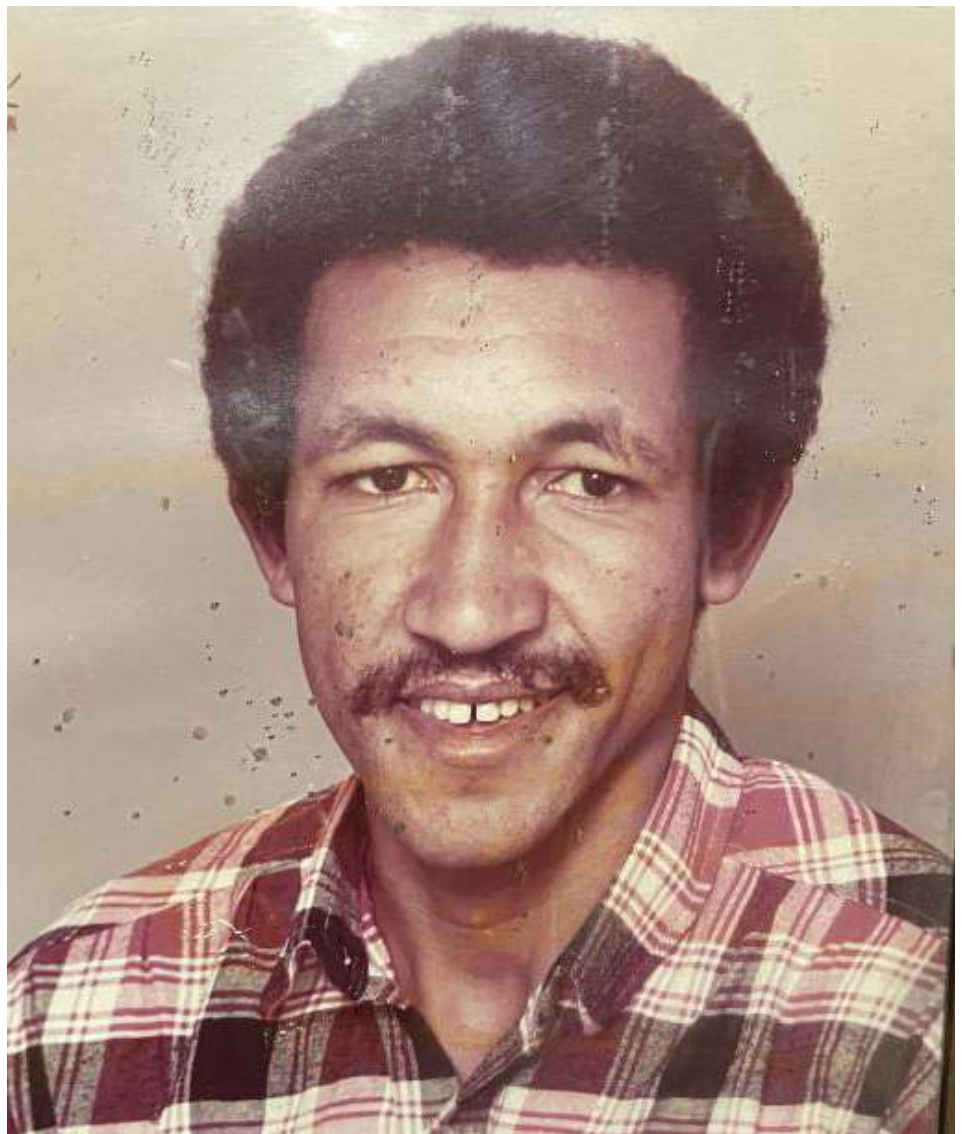
Paulo Rogério dos Santos, o Vovô, fez história no Guarani entre os anos 1980 e 1990



A BANGUELA DO MENINO PAULO

Paulo Rogério dos Santos nasceu em 1960 e é o penúltimo dos oito filhos que tiveram Augusto e Ana Osvaldina. A família chegou a morar na área central de Venâncio Aires, mas depois se estabeleceu na região que hoje fica entre os bairros Xangrilá e Cidade Nova. E foi nesta área, onde ainda haviam grandes descampados e muitos campinhos de futebol, que Paulo cresceu. Paulo, nome esse que ele 'atendeu' por pouco tempo, já que desde os 9 anos é conhecido por um apelido que viraria praticamente denominação própria. "Tinha um vizinho, um senhor de uns 80 anos, cabelo branquinho e na boca só os 'pontas' [dentes caninos]. Naquela época, eu também estava banguela, daí a gurizada começou a pegar no meu pé, que eu tava igual ao 'vovô'." O menino Paulo não gostou muito, mas, como dizem que apelido só 'pega' mesmo quando a pessoa fica incomodada, não teve jeito: ele virou o Vovô.

Na adolescência, começou a acompanhar dois dos irmãos mais velhos, João e Almerindo (já falecidos), destaques no antigo time do Herval Mirim, da Cidade Nova. Num campo onde as redes das goleiras eram feitas de barbante de amarrar tabaco, Vovô acompanhava as jogadas dos irmãos e ele também começou a bater bola, usando chuteiras emprestadas, inclusive com numeração menor, mas fazia os pés caberem. Além do Herval Mirim, no início dos anos 1980, integrou o antigo time do Corinthians, no bairro Bela Vista, campeão municipal invicto em 1982. Ali, Vovô já adotaria a camisa 8, como meia pelo lado direito, posição pela qual mais viria a atuar na carreira.



O ainda jovem Vovô, no início dos anos 1980. Bigode e depois cavanhaque foram adotados definitivamente

UM CHUTE NA QUINA

- Em 1980, Vovô e Liege, hoje com 60 anos, decidiram juntar as escovas de dentes. Liege, que sempre acompanhou e apoiou o companheiro no futebol, lembra, em tom de brincadeira, que o apelido dele até gerou confusão no início do namoro. "Namorei um ano até descobrir que o nome dele era Paulo. E meu vô Juvenal me perguntava: o que tu quer com um velho?", conta, entre risos.
- Nessa época, Vovô começou a trabalhar na construção de redes elétricas, numa empresa terceirizada da CEEE – só na companhia

seriam quase 30 anos, entre 1985 e 2014. Em 1986, ele lembra de um chute certo que deu, mas que não foi no futebol. "Fizemos um bolão e acertei na Quina." Com o dinheiro, conseguiu comprar a casa própria e quatro terrenos. E para quem andava, até então com uma bicicleta Caloi, teve condições de comprar uma moto DT 180 e um Passat 1980.

- Vovô conta que foi um momento importante para a família, pensando no lado financeiro, já que tinham dois filhos pequenos. Além de Juliano, 43 anos, e Luciana, 41, ele e Liege ainda são pais de Simone, 36, Paulo (o Júnior), 24, e Victor, 21 anos.



Vovô com a esposa Liege e os cinco filhos

PELO AMADOR E PROFISSIONAL, UM NOME NA HISTÓRIA DO GUARANI

Em 1986, pelo Cruzeiro, que ainda mandava seus jogos no campo onde hoje é a atual área da UPA, Vovô se sagrou campeão regional amador. As boas atuações lhe renderam um convite para jogar naquele que era o maior rival do Cruzeiro na época: o Guarani, no clássico Gua-Cruz.

Vovô decidiu ir e foi pelo time do Edmundo Feix que viveria diversos momentos importantes para ele e para a história do Rubro-negro. Para começar, em 1988, quando marcou um gol de pênalti na vitória sobre o Pinheiros, de Taquari, na final do regional de amadores. “Fiz poucos gols na carreira e esse considero o mais importante. Porque esse título nos possibilitou disputar o estadual amador e o fim dessa história todo mundo conhece”, destaca Vovô, se referindo ao título gaúcho daquele ano, com gol de pênalti do então zagueiro Mano Menezes.

No Guarani, Vovô jogaria de 1987 a 1993, portanto esteve no time de 1990 que conquistou o acesso para a série A do Gauchão. Durante todo esse tempo de profissional, conseguiu conciliar com o trabalho na CEEE. “Infelizmente não conseguia treinar muito, então eu compensava como dava. Viajava muito pela empresa e de noite, depois do horário do serviço, eu corria todo dia entre 4 e 5 quilômetros, para manter o preparo.” Na equipe venâncio-aiense, além de camisa 8, também vestiu os números 2, 6 e 5, portanto, jogou ainda nas duas laterais e como primeiro volante.



Na parede da sala, são inúmeros quadros e medalhas, que marcaram as conquistas



VESTIÁRIO

No vestiário do Edmundo Feix, Vovô conta que viveu vários momentos de emoção, com as conquistas da equipe entre o fim dos anos 1980 e início dos 1990. E revela momentos engraçados, como durante os intervalos dos jogos, em que o zagueiro Chimbica pedia um pastel e um refri. Ou da vez que Vovô levou um 'tostão' e machucou a coxa. "O Camboja [massagista], usou uma garrafa de vidro para massagear minha perna. Parecia que tava abrindo massa", conta entre risos.

"COMO O SENHOR AGUENTA?"

Por muitos momentos durante a entrevista para esta reportagem, Vovô, antes de cada resposta, não conseguiu evitar que as lágrimas rolassem, emocionado. À mente, lembranças, saudades e bons momentos que o futebol proporcionou ao longo de quase 50 anos.

Sobre não ter seguido ou apostado integralmente na carreira de profissional, Vovô entende que, se talvez tivesse começado mais cedo, teria outras oportunidades. "Mas não me arrependo de nada", afirma. Questionado sobre até quando vai jogar, o veterano também é categórico. "Vou enquanto Deus me dá força nas pernas, porque fôlego tenho de sobra." O preparo físico, aliás, é a principal característica dele. "Quando um cara mais novo joga comigo, geralmente pergunta: como o senhor aguenta? Só sei que aguento até prorrogação e quem sente câimbras e falta o ar são os guris", comenta, rindo. Em todo o tempo que joga bola, Vovô torceu um joelho em 1992 e, aos 55 anos, 'arrebentou' um tendão. "Voltei a jogar em oito meses, como se nada tivesse acontecido."



Atualmente, Vovô integra o time das Masters do Guarani



UM VOVÔ DE CINCO NETOS

Na sala de casa, entre as fotos dos filhos e netos, também estão os registros dos times pelos quais jogou e incontáveis medalhas e troféus. Multicampeão como é, Vovô tem títulos além do futebol, como um troféu de casal campeão de bandinha, do salão Freda, mérito dividido com Liege, parceira da vida e de arquibancada, sempre acompanhando e torcendo pelo marido.

Se as perguntas em torno do futebol provocaram lágrimas em Vovô, o assunto 'família' também mexe com o veterano. Orgulhoso da história que construiu com Liege e dos cinco filhos, ele também 'joga açúcar', aquele carinho especial de todo vovô com os netos, quando fala de Ana, Valentina, Martina, Breno e Thaylor. Este, aliás, não foi para o futebol, mas é promessa em outro esporte e foi convocado para a seleção brasileira sub-18 de basquete, na disputa da Copa América. "Como no meu trabalho eu viajava, passava muito tempo longe dos filhos. Então hoje procuro aproveitar ao máximo estar com eles e com meus netos", conta ele que, como vovô na família, também parece garoto: fios brancos são poucos e só na barba. Já o óculos é só para leitura.



Além de medalhas e troféus, a história de Vovô no futebol está guardada em recortes de jornais, especialmente da Folha do Mate

OUTRAS EQUIPES

- Vovô jogou por cerca de 20 equipes e, profissionalmente, além do Guarani, defendeu o Avenida, de Santa Cruz do Sul, em 1991, e o Pinheiros, de Taquari, entre 1994 e 1995.
- Entre os times amadores de Venâncio, jogou pelo Herval Mirim, Corinthians, Négo, Cruzeiro, Juventude de Vila Arlindo, Olaria, São Luiz, Tangerinas, time da Fumossul, Fluminense de Sapé.
- Também defendeu equipes de Lajeado, Canoas, Vera Cruz e Santa Cruz, como Boa Vista e São José de Monte Alverne.
- Atualmente, Vovô joga futebol 7 pelo Masters do River Plate, de Linha Marechal Floriano, futsal nas terças e quintas-feiras, e pelo Masters do Guarani.

NA CASA DE UM COLORADO, O ASSOBIO MAIS OUVIDO É O HINO DO GRÊMIO

Como a maior parte dos meninos gaúchos que cresceram na década de 1970 (período glorioso do Internacional), Vovô virou colorado. Daquele tempo, cita Paulo César Carpegiani como uma de suas maiores referências. Em 1976, ao lado de Falcão e Caçapava, Carpegiani formou no Inter um trio de meio-campo que entrou para a história do futebol brasileiro.

Além do jogador colorado, Vovô também cita Pelé e abre um sorriso falando da seleção brasileira de 1970, que ele viu ser campeã do mundo numa TV em preto e branco no antigo Bar do Luizão (hoje prédio da farmácia Panvel, na rua Osvaldo Aranha). “Era um timaço”, resume.

Embora torcedor do Inter, dentro de casa ‘a coisa’ é bem dividida. Para começar por Liege, que é gremista. Recentemente, a esposa de Vovô também ganhou mais uma ‘aliada’. “Eu estava voltando do trabalho, quando esse bichinho pulou nos meus



O colorado Vovô, com a calopsita Menina, que assobia o hino do Grêmio

pés. Então eu trouxe para casa”, relata Liege, se referindo à calopsita que ela chama carinhosamente de Menina. E é essa fêmea de passarinho a responsável pelo assobio que qualquer gremista, ao ouvir, sairia cantando “Até a pé nos iremos...” Liege ensinou a calopsita a assobiar o refrão do hino do Grêmio.





Textos: Débora Kist

Fotos: Arquivo Pessoal, Débora Kist e Renan Zarth

Diagramação: Camila Pfaffenseller

Anúncios e capa: Adriele do Amaral

Comercialização: Jéssica Vogel, Julio Hoffmann,
Kinha Heck e Paula Carvalho

Empresa Jornalística Folha do Mate Ltda CNPJ 98.597.719/0001-56

Apoio:



Publicação:

